

Organização social anarquista



Manifestação da FORA em Buenos Aires

Artigo que discute o papel das ideias políticas dentro dos movimentos sociais, e o debate no seio do anarquismo sobre a organização política aplicada ao contexto atual do anarquismo na América do Norte.

Enviado por S. Nappalos em 10 de dezembro de 2017

[*Publicado originalmente em Ideas and Action*](#)

A ascensão da direita e a impotência da esquerda institucional e suas organizações sem fins lucrativos, sindicatos de empresa e partidos políticos eleitorais em oferecer uma alternativa colocam a questão crucial do nosso tempo: qual é a nossa estratégia em tempos pré-revolucionários? A esquerda revolucionária foca, por outro lado, nas rupturas e revoluções da história, e isso pouco nos prepara para o presente. Sem projetos e práticas concretas que demonstrem uma abordagem revolucionária aos explorados, o anarquismo e o socialismo continuam ideias abstratas. Nos Estados Unidos, não há movimentos sociais nacionalmente a que se possa recorrer para forjar uma nova força social. A resistência

permanece, em sua maioria, fragmentada e, muitas vezes, distante das lutas cotidianas e sendo feita por uma subcultura militante semiprofissional. O desafio, então, é por onde começar, ou, mais especificamente, como ir além dos conhecimentos, experiências e grupos das últimas duas décadas em direção a um movimento social mais amplo?

No entanto, há algumas experiências da época de auge do movimento anarquista que podemos aproveitar, quando, da mesma forma, radicais em um ambiente hostil começaram a discutir e elaborar intervenções estratégicas. Um debate negligenciado e pouco conhecido no interior do anarquismo foi o ocorrido entre o chamado dualismo e posições unitárias sobre a organização. [i] A questão para o desacordo vinha, em grande parte, dos dualistas que apoiavam organizações políticas anarquistas específicas, independentes das organizações de trabalhadores de sua época. Isso estava em contraste com os anarquistas que eram contra organizações políticas, propositores nos sindicatos libertários [ii] de um modelo de organizações de trabalhadores que eram, ao mesmo tempo, uma organização politizada e sindical.

A imagem dos anarco-sindicalistas como sendo inerentemente contra a organização política e como defensores de sindicatos exclusivamente de anarquistas é uma falácia. Se muito, os ortodoxos apoiavam organizações políticas, incluindo: Pierre Bressnard, ex-chefe da Associação Internacional dos trabalhadores (IWA-AIT); a CNT espanhola (através de seus grupos de afinidade, organizações específicas em torno de publicações e a FAI), juntamente com outros nos vários sindicatos revolucionários da IWA-AIT. Uma imagem mais equilibrada do movimento seria (pelo menos) uma divisão entre quatro caminhos dentro das organizações da IWA-AIT, incluindo: sindicalismo de luta de classes que minimizava o anarquismo e a revolução (ambos com defensores e detratores da organização política); a posição dominante do sindicalismo revolucionário influenciado pelo anarquismo, mas lutando por um grande sindicato de toda a classe; anarquistas políticos focados no insurrecionismo e nas atividades intelectuais; e uma quarta posição que provavelmente não é familiar para a maioria dos leitores.

Chamarei essa posição de organização social anarquista, por falta de um termo melhor. Elementos dela existiram e persistiram ao longo da história do movimento sindicalista, mas encontraram seu núcleo nas organizações revolucionárias de trabalhadores da América do Sul na virada do século [XIV para o XX]. Na Argentina e no Uruguai, em particular, um poderoso movimento de anarquistas imigrantes dominou o movimento operário durante

décadas, estabelecendo os primeiros sindicatos e consolidando uma política num ambiente em que as tentativas reformistas dentro dos sindicatos careciam de um contexto que lhes permitisse prosperar. [iii] Essa tendência espalhou-se por toda a América Latina, da Argentina ao México, e no seu apogeu influenciou também as correntes sindicalistas na Europa e na Ásia. O seu progresso foi contido por uma combinação de mudança de contexto e reação política, favorecendo oposições nacionalistas e reformistas. Tanto a Argentina quanto o Uruguai foram submetidos a alguns dos primeiros regimes trabalhistas legalizados do mundo e também a esquemas de reforma populistas visando conter o movimento sindical, combinados com ditaduras que punham na mira seletivamente o movimento anarquista, apoiando por sua vez socialistas e nacionalistas em toda a região. O movimento anarquista do Rio de La Plata sofreu fortes golpes na década de 1930 e começou a diminuir.

Os teóricos da Federación Obrera Regional Argentina (FORA, Federação Regional Argentina de Trabalhadores), em particular, expuseram uma abordagem alternativa à política que era altamente influente na época. A Argentina talvez tenha competido com a Espanha como o movimento anarquista mais poderoso do mundo, sendo ainda hoje pouco conhecido. A FORA tira seu nome de uma aspiração ao internacionalismo e de uma das correntes antiestatais e antinacionalistas mais profundas da história radical. Ela inspirou sindicatos irmãos em toda a América Latina, muitos com nomes semelhantes, como FORU (Uruguai), FORP (Paraguai), FORCh (Chile) e sindicatos no Peru, Colômbia e Bolívia, apenas para citar alguns. Conquistou até mesmo a adesão de organizações locais estabelecidas da IWW no México e no Chile, fazendo com que se afastassem do sindicalismo neutro da IWW.

As ideias da FORA passaram a ser conhecidas como finalismo; assim chamadas porque em espanhol fines significa fins ou objetivos, e a FORA fez do comunismo anarquista seu objetivo explícito já em 1905. O finalismo era a rejeição dos sindicatos e organizações políticas tradicionais em favor da organização social anarquista. [iv] Nos sindicatos, a FORA enxergava uma tendência para desviar a classe trabalhadora em direção à reforma e potencialmente à reprodução das relações de trabalho capitalistas. Os sindicatos, argumentavam eles, são instituições que herdaram demasiado do capitalismo que procuramos abolir. [v] A divisão capitalista do trabalho refletida nos sindicatos industriais, em particular, poderia ser uma base potencial para manter as relações sociais capitalistas após a revolução, algo que a FORA argumentava que deveria ser transformado.

“Não podemos esquecer que o sindicato é, como resultado da organização econômica capitalista, um fenômeno social nascido das necessidades do seu tempo. Manter a sua estrutura após a revolução implicaria preservar a causa que a determinou: o capitalismo.”[vi]

Essa crítica estendeu-se a uniões revolucionárias apolíticas como a IWW e até mesmo ao próprio anarco-sindicalismo, que era visto como defensor do uso de sindicatos, veículos de resistência que refletem a sociedade capitalista, como células da futura estrutura da sociedade. Seu objetivo era transformar uma sociedade construída para manter a dominação de classe em uma sociedade organizada para atender às necessidades humanas; algo que as indústrias existentes impediam.

“A teoria anarco-sindicalista, muito semelhante ao sindicalismo revolucionário, é hoje confundida por muitos que se aproximam do movimento operário, e até participam dele, porque consideram que todos os anarquistas que participam no sindicalismo são automaticamente anarco-sindicalistas. O anarco-sindicalismo é uma teoria que baseia a construção da sociedade após a revolução emancipatória nos próprios sindicatos e associações profissionais de trabalhadores. A FORA rejeita expressivamente o anarco-sindicalismo e mantêm a sua concepção de que não se pode legislar o futuro da sociedade após a mudança revolucionária...” [vii]

Enquanto participavam da luta de classes no dia a dia, os membros da FORA rejeitaram igualmente a ideologia da luta de classes. A luta de classes como ideologia era vista como reflexo de uma visão de mundo mecanicista herdada do marxismo, que em última análise reforçaria as divisões derivadas do capitalismo, mantendo obstáculos à construção do comunismo após a revolução. A identidade de classe e de trabalhadores está demasiado ligada às relações capitalistas, argumentaram, e é melhor ser atacada do que cultivada. [viii]

Os foristas eram céticos em relação às organizações políticas separadas das organizações de trabalhadores e acreditavam que elas representavam um perigo. Tais organizações tenderiam a valorizar demais a manutenção de sua liderança política contra o objetivo de longo prazo de construir o comunismo anarquista. [ix] O mundo do anarquismo político foi visto tendo como base filosofias intelectuais e culturais distantes da vida cotidiana, enquanto o movimento anarquista dos trabalhadores se inspirou em conectar a ética anarquista às lutas vividas pelos explorados.

“O anarquismo como partido político revolucionário é privado de sua força principal e de seus elementos vitais; o anarquismo é um movimento social que adquirirá maior poder de ação e propaganda quanto mais intimamente permanecer em seu ambiente nativo.” [x]

Em seu lugar, os partidários da FORA propuseram um tipo diferente de organização operária e outro papel para os anarquistas. Emiliano Lopez Arango, brilhante autodidata e padeiro, enfatizou que devemos construir organizações de trabalhadores destinadas a alcançar a sociedade anarquista, em vez de organizações de anarquistas para os trabalhadores ou organizações de anarquistas-trabalhadores.

“Contra esse anarquismo filosófico ou político, apresentamos nosso conceito e nossa realidade do movimento social anarquista, vastas organizações de massa que não fogem de nenhum problema do anarquismo filosófico, e tomam o homem como ele é, não apenas como defensor de uma ideia, mas como membro de uma fração humana explorada e oprimida... para criar um movimento sindical concordante com nossas ideias - o movimento operário anarquista - não é necessário ‘enfiar’ no cérebro dos trabalhadores ideias que eles não entendam ou contra as quais possuem precauções rotineiras. A questão é outra... os anarquistas devem criar um instrumento de ação que nos permita ser uma força beligerante na luta pela conquista do futuro. O movimento sindical pode ter sucesso nessa importante missão histórica, mas com a condição de que seja inspirado por ideias anarquistas.” [xi]

Essa posição tem sido muitas vezes mal compreendida ou deturpada como “sindicalismo anarquista”, isto é, a tentativa de criar agrupamentos ideologicamente puros de trabalhadores. Os trabalhadores da FORA, no entanto, tinham pouca estima pelo movimento político anarquista e não acreditavam que os intelectuais impusessem provas de fogo aos trabalhadores. Em vez disso, eles formaram uma organização que, a partir de 1905, tomou o comunismo anarquista como seu objetivo e foi construída em suas lutas e funcionamento em torno dos ideais anarquistas.

Há uma diferença fundamental entre ser uma organização ideológica fazendo organização e ser uma organização com uma orientação anarquista. Os trabalhadores da FORA tentaram criar a segunda opção. Contrapostos à economia pura e simples e à ideologia da luta de classes, eles enfatizaram um processo de transformação e contrapoder construído através da luta, mas guiado por valores e ideias. [xii] Contra a noção de que sindicatos combativos eram sementes da sociedade futura, propuseram o uso das lutas sob o capitalismo como forma de

treinar os explorados para objetivos revolucionários e a ruptura radical com a estrutura do capitalismo com a revolução. [xiii]

Ao fazê-lo, eles organizaram a classe trabalhadora argentina sob a luz do anarquismo até que uma série de forças repressivas e recuperadoras os derrotaram. A CNT, ao dar o seu aval ao objetivo de criar o comunismo libertário, acabaria por seguir o exemplo da FORA cerca de três décadas depois, mas as vacilações sobre essas questões (previstas por alguns foristas como Manuel Azaretto) [xiv] seriam desastrosas. A CNT obteve uma vitória inicial contraditória, mas debateu-se com a forma de passar de uma organização que luta dentro do capitalismo para uma ordem pós-capitalista.

Organização Social Anarquista Hoje

A grande entendimento da FORA foi o foco na forma como alcançamos a libertação. Os projetos organizadores estão centrados nas lutas em torno da vida cotidiana. Atuar nessas lutas visa criar um ambiente onde os participantes possam se co-desenvolver em um ambiente específico guiado por princípios, objetivos e táticas anarquistas. As ideias desenvolvem-se através de um processo de práxis em que as ações, as ideias e os valores interagem e se unem na estratégia. São essas, em particular, as fraquezas que temos nas recentes estratégias anarquistas e libertárias nos EUA.

Tanto nas organizações políticas quanto no trabalho de organização, os anarquistas não se apresentam como uma força independente com propostas próprias. A ideologia anarquista é mantida fora do contexto da vida cotidiana e das lutas diárias; os lugares onde faz mais sentido estar, e com mais potencial para contribuições positivas. Em vez disso, a ideologia permaneceu em grande parte propriedade das organizações políticas, enquanto os anarquistas fazem seu trabalho de organização com demasiada frequência como soldados de infantaria para organizações sem fins lucrativos reformistas, sindicatos burocráticos e organizações neutras hostis às suas ideias. Isso é realizado sem planos para avançar em nossos objetivos ou projetos independentes que demonstrem o seu valor.

Da mesma forma que argumentei [xv] contra os debates da estrutura dos sindicatos (ofício vs. indústria), as divisões sobre a organização dual vs. unitária trazem lições importantes, mas deslocam questões mais fundamentais. Está em jogo o papel desempenado pelas nossas ideias no trabalho cotidiano da luta em tempos pré-revolucionários. Os foristas estavam certos ao enxergarem um papel positivo para a nossa visão quando combinada com uma prática de

contestar a vida quotidiana sob o capitalismo, enquanto agitavam constantemente por uma transformação fundamental. Muitos dualistas não enxergam esses pontos quando procuram impor uma divisão artificial entre onde e como agitamos devido à forma organizacional.

Ainda assim, essas questões não impedem que as organizações políticas desempenhem um papel positivo, por exemplo, na elaboração de estratégias, ajudando os anarquistas a desenvolver suas ideias em conjunto e se coordenarem, etc. Tem havido uma ênfase no pensamento político em se falar de generalidades, sobre formas e estruturas, e, assim, perder os aspectos contextuais e históricos desse tipo de debate. Mais importante do que a estrutura de uma organização é onde ela se encontra no contexto específico e de trabalho do seu tempo, e como consegue fazer o seu trabalho viver nas lutas cotidianas dos explorados. Isso pode acontecer de diferentes formas em vários projetos diferentes.

Hoje, essa estratégia pode ser implementada no âmbito de trabalhos em curso. Aqueles militantes que são membros de organizações já existentes, como redes de solidariedade, sindicatos e grupos comunitários, devem começar a trabalhar em rede para encontrar maneiras de formular um programa anarquista dentro de seu trabalho, apresentar propostas para aprofundar a influência do anarquismo nas organizações e lutas e avançar para um modelo anarquista de organização social da luta. Com a experiência e o crescimento das forças, poderemos contestar a direção dessas organizações ou formar novas, dependendo do contexto.

Da mesma forma, as organizações políticas existentes podem contribuir para esse trabalho promovendo organizações sociais anarquistas, contribuindo para a agitação dentro dos projetos de organização existentes e colaborando na criação de novos projetos. Em alguns casos, isso pode exigir que os próprios membros locais de grupos políticos criem sozinhos novos esforços de organização. Idealmente, isso seria realizado com outros indivíduos e grupos por meio de um processo de diálogo. Existem pelo menos três organizações anarquistas nacionais que se beneficiam de ter a capacidade de influenciar o debate e poderiam intervir do lado do avanço do anarquismo como uma força explícita dentro dos movimentos sociais. A alternativa é que o anarquismo permaneça algo obscuro, discutido meio que sem jeito e amplamente escondido dos olhos do público.

Quando houver interesse e capacidade suficientes, deverão ser formados novos grupos. Redes de local de trabalho, de inquilinos e grupos comunitários, redes de solidariedade, e sindicatos

podem ser criados com um pequeno número de militantes que desejam combinar sua política de trabalho em um projeto social-projeto político-pedagógico coeso. Nos Estados Unidos, tal estratégia nem sequer foi tentada em larga escala desde, talvez, a época dos mártires de Haymarket e sua anarco-sindicalista Associação Internacional dos Povos Trabalhadores (IWPA). A mudança sem precedentes no humor da população provocada pela crise de 2008 tornou este tipo de experiências mais viável, se não urgente. Cabe a nós aceitarmos o desafio e experimentar. No entanto, o principal trabalho à nossa frente é encontrar formas de traduzir um anarquismo revolucionário combativo em atividades concretas que possam ser implementadas e coordenadas por um pequeno número de militantes dedicados, e nos permitir construir uma ponte para as próximas fases da luta.

22 de janeiro de 2016

[i] Este debate foi espelhado pelos conselhistas no rescaldo da abortada Revolução Alemã de 1919, com o racha entre AUD vs. AUD-E. Eles adotaram o termo organização unitária para definir um grupo que rejeitava a organização política, e é similar à abordagem que estou propondo com a exceção de que rejeitaram a organização de todo o cotidiano dos trabalhadores, que os diferenciaria da FAU até mais tarde, quando o AUD estava em declínio e a AUDE se moveu para perto do anarcossindicalismo e o KAPD organizado no AUD aproximou-se de ser uma pura organização política. Deve-se dizer que a organização unitária é confusa, pois os anarquistas chamados de organizacionalistas unitários pelos dualistas repetidamente polemizaram contra o apoio à organização unitária em seus escritos, pelo que se referem a pessoas que apoiavam uma única organização para todos os trabalhadores com todas as ideologias dentro.

[ii] Isso será explicado com mais detalhes, mas inclui alguns membros da Solidarity Federation, IWW e outros sindicatos revolucionários de hoje, e historicamente militantes dos sindicatos FORistas e também correntes na CNT alinhadas com as ideias da FORA nos debates da década de 1920.

[iii] Solidarity Federation. (1987). Revolutionary unionism in Latin America: The FORA in Argentina. ASP LONDON & DONCASTER. Disponível em: <https://libcom.org/library/revolutionary-unionism-latin-america-fora-argentina>

[iv] Lopez Arango, E. Syndicalism and Anarchism. Traduzido por SN Nappalos. Disponível em: <https://libcom.org/library/syndicalism-anarchism>

[v] Lopez Arango. E. (1942). Means of struggle – trecho de Doctrine, Tactics, and Ends of the Workers Movement, primeiro capítulo da coleção póstuma de 1942 chamada Ideário. Publicado em Anarquismo en America Latina. (1990). ed. Ángel J. Cappelletti y Carlos M. Rama. Prólogo, edición y cronología, traducción: Ángel J. Cappelletti. Disponível em: <https://libcom.org/library/means-struggle>

[vi] Lopez Arango, E. & de Santillan, DA. (1925). El anarquismo en el movimiento obrero. Pg. 32
http://www.portaloaca.com/images/documentos/El%20anarquismo%20en%20el%20movimiento_obrero2.pdf

[vii] La FORA, Anexo 208. Tradução da passagem por SN Nappalos. Citado em Lopez, Antonio. (1998). La FORA en el movimiento obrero. Tupac Ediciones. Pg. 73-74.

[viii] Antilli, T. (1924). Lucha de clases y lucha social. Disponível em: <https://libcom.org/library/lucha-de-clases-y-lucha-social>

[ix] Lopez Arango, E. Political leadership or ideological orientation of the workers movement. Disponível em: <https://libcom.org/library/political-leadership-or-ideological-orientation-workers-movement>

[x] Lopez Arango, E. & de Santillan, DA. (1925). El anarquismo en el movimiento obrero. Pg. 77. Disponível em: http://www.portaloaca.com/images/documentos/El%20anarquismo%20en%20el%20movimiento_obrero2.pdf

[xi] Ibid.

[xii] Lopez Arango, E. The resistance to capitalism. Disponível em: <https://libcom.org/library/resistance-capitalism>

[xiii] Ibid. Means of struggle

[xiv] Azaretto, M. (1939). Slippery Slopes: the anarchists in Spain. Traduzido em Maio-Junho de 2014 a partir do original espanhol de Manuel Azaretto, Las Pendientes

Resbaladizas (Los anarquistas en España), editorial Germinal, Montevidéo, 1939. Disponível em: <https://libcom.org/history/slippy-slopes-anarchists-spain-manuel-azaretto>

[xv] Nappalos, SN. (2015). Dismantling our divisions: craft, industry, and a new society. Disponível em: <https://iwwmiami.wordpress.com/2015/06/17/dismantling-our-divisions-craft-industry-and-a-new-society/>